

Desesperança afeta a saúde mental dos brasileiros

Fotos de Maria José Lessa

Há cerca de quatro meses a dona de casa Siléia Moraes de Souza, 29 anos, vem sentindo vontade de sair sem destino e não voltar mais. A empregada doméstica Zilda Maria de Souza, 40 anos, se trata há 11 no Posto de Atendimento Médico do Inamps na Avenida Venezuela de um "problema de nervos" que a deixa "agitada", sem vontade de falar com ninguém.

As mazelas de Siléia e Zilda incluem ambas no perfil flagrado pela *Pesquisa Multicêntrica de Mobilidade Neuropsiquiátrica*, realizada por seis universidades, que a pedido do Ministério da Saúde levantaram a incidência de distúrbios mentais na população brasileira, mostrando que os que mais sofrem são as donas de casa (31,6%) e os desempregados, aposentados ou biscoiteiros (26%). Por trás da frieza dos números escondem-se a ansiedade, a depressão, o sofrimento emocional de uma legião de brasileiros esmagados pela dureza do cotidiano e pela desesperança. "O brasileiro está doente por falta de perspectivas", diagnostica o diretor da Faculdade de Psiquiatria da Universidade de Brasília, Josimar França, um dos coordenadores da pesquisa.

O trabalho mostrou que o índice de distúrbios mentais é inversamente proporcional ao de emprego: 23,3% de portadores de distúrbios entre os desempregados contra 10,5% entre empregados e 7% entre empregadores. A população não está sendo assistida em suas necessidades básicas, como habitação, salário e educação, diz Josimar.

Foi para não concretizar uma "besteira" — morrer junto com o marido e as duas filhas — que Siléia procurou o Ambulatório de Saúde Mental do Posto de Atendimento Médico (PAM) Venezuela, no Centro do Rio, onde começou na semana passada um tratamento psicoterápico, por sugestão da mãe que já é atendida lá.

Siléia se sente pressionada. Os Cr\$ 22 mil que o marido recebe como motorista de uma empresa já não são suficientes, como antes, para comprar frutas para as filhas, de cinco e nove anos. "A gente não consegue comandar mais nossa casa. Está uma barra pesada", diz.

A falta de dinheiro só piora o drama de Zilda, desencadeado por outro motivo: a violência de que foi vítima. Quando estava grávida, há quase 20 anos, foi espancada pelo primeiro marido. "Foi aí

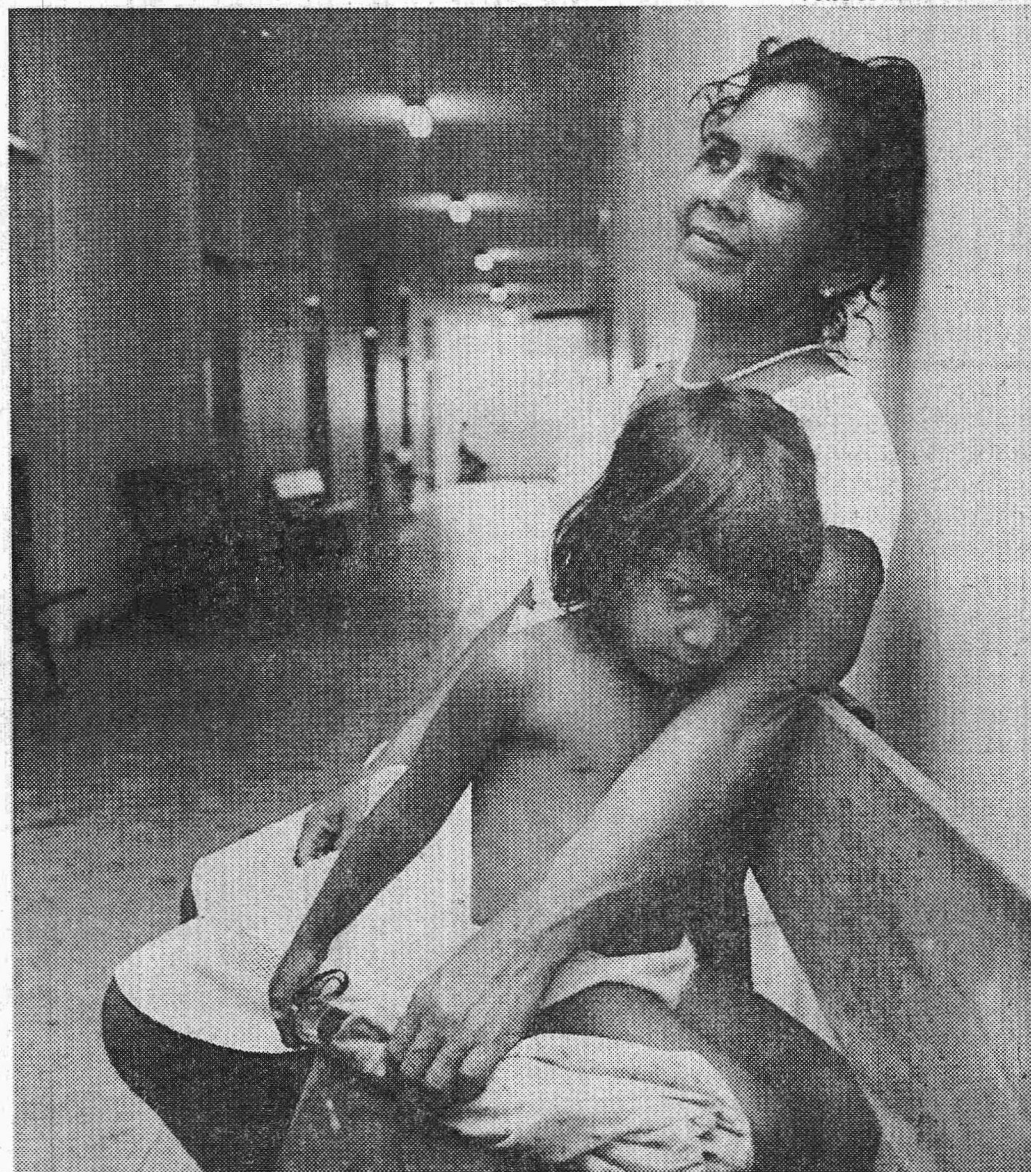
que *tudo* começou", procura explicar. O atual marido ganha pouco mais de um salário mínimo vendendo caldo de cana no município de Duque de Caxias, onde mora. "É muito problema junto", resume, referindo-se ao dinheiro de que precisa para pagar despesas como a escola particular para duas filhas (Cr\$ 1.500 mensais), porque "a escola pública está muito ruim".

Por renda, 22% das pessoas que recebem menos de um salário mínimo e 15,6% das que recebem entre um e três salários estão entre os portadores de distúrbios.

Na pesquisa, as mulheres apresentaram um índice de distúrbios mentais 2,3% maior que o dos homens. Isso fica claro nos centros públicos que oferecem tratamento. A Santa Casa da Misericórdia, no Centro do Rio, cujo serviço de psiquiatria, associando medicamento a psicoterapia, começou no ano passado, tem mais da metade dos seus 270 pacientes constituída de mulheres — não necessariamente atormentadas por problemas financeiros.

É o caso de Belmira de Fátima Siqueira, 30 anos, cliente da Santa Casa. "Tinha medo de passar num túnel, não saía de casa sozinha e andava no mundo da lua", conta Belmira. Ela entrou em crise quando, há dois anos, recebeu uma pancada na cabeça do ex-marido, que não queria lhe dar a separação conjugal. Há cinco meses é atendida na Santa Casa e vê melhoras. "Já saio sozinha e já consigo me controlar", afirma. "Quando eu venho aqui, converso com o médico e fico mais aliviada. Em casa não dá para me abrir", diz Belmira, casada pela segunda vez com um pequeno empresário de 67 anos, que não a deixa trabalhar fora. "Queria fazer qualquer coisa, desde que me distraísse a cabeça", explica ela.

Belmira ilustra também outro ponto detectado pela pesquisa: a associação dos distúrbios mentais à vida conjugal e à solidão. As pessoas casadas apresentaram índice de 19%, contra 22% das separadas ou viúvas e 10% das solteiras. Os que moram sozinhos apresentaram índices de distúrbios mentais superiores aos que moram com mais de cinco pessoas. Por faixa etária, têm mais problemas os que estão com 45 anos (24%), seguidos dos que estão entre 30 e 34 anos (21,2%).



Zilda, com sua filha Patrícia, e Belmira (E) foram vítimas de violência dos ex-maridos; Siléia, sem dinheiro, pensa na morte